

CIRCENSES

Circences

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Jacques Fux

Copyright © 2025 Gerson Mazer

ISBN: 978-6560-2520-80

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Imagem da capa: Le cheval de cirque, obra de MARC CHAGALL, coleção particular, licenciada para impressão através da Alamy Limited

F99

FUX, Jacques

Circenses / Jacques Fux. – 1ª Edição. – São Paulo: Faria e Silva, 2025.

148 p. ; 14x21 cm.

ISBN 978-6560-2520-80

1. Literatura brasileira – Contos. 2. Judeus – Identidade cultural – Literatura. 3. Memória coletiva – Narrativas. 4. História de família – Ficção. 5. Perseguição religiosa – Relatos pessoais. 6. Holocausto judeu (1939-1945) – Influência literária. 7. Imigração judaica – Brasil – Século XX. 8. Cultura judaica – Representação literária. 9. Arte circense – Simbolismo. 10. Narrativa autobiográfica. I. Título.

CDD: 869.4

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal. O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

CIRCENSES

*Jacques Fux
Gerson Mazer*



Amostr

Ao povo do livro, ao povo do circo, ao povo da esperança.

O circo é perturbador.
É profundo, um jogo de dança atemporal onde lágrimas e sorrisos,
braços e pernas assumem a forma de uma grande arte.
Para mim, o circo é um espetáculo de mágica
que aparece e desaparece como o mundo.

Marc Chagall

A dama do circo

Sou acrobata,
e danço entre adagas
erguidas no palco
com as pontas para o alto.

Meu corpo ágil — quase
roçando as lâminas —escapa
da morte pela queda.

O público prende o fôlego
ao me assistir dançar,
e sempre há
alguém rezando por (ou contra) mim.

As pontas brilham num
círculo flamejante — e ninguém sabe
o quanto desejo escorregar.

Estou cansada de dançar entre vocês,
adagas de aço gélido.
Quero — com meu sangue aquecendo
as suas pontas nuas —
cair.

Celia Dropkin

(Original em iídiche “Di tsirkus-dame”. Traduzido também como *A acrobata* ou *A dançarina do circo*. Apesar desse desejo em razão de tantas dificuldades e “torcidas”, a cada novo dia se renovam as esperanças para mais um espetáculo!)

Amostra

Sumário

1. Ato 1	1
2. Ato 2	11
3. Ato 3	23
4. Ato 4	39
5. Ato 5	61
6. Entreato	73
7. Ato 6	77
8. Ato 7	89
9. Ato 8	107
10. Ato 9	119
11. Ato final	129
12. Pós-escrito	135

Amostra

Ato 1

Às artes circenses

Quando os raios da lua iluminam o circo das tradições, uma aura desvela a arena e seus artistas. Despontam os circenses com a promessa de acrobacias extraordinárias. Eles, performers milenares de alma nômade e errante, apresentam-se como mestres da arte da adaptação. Encanto, desconfiança, mistério e magia. Apesar de reais, são também protagonistas de um romance. De uma narrativa que segue viva, trôpega e eterna.

Os acrobatas desafiam as perseguições do passado e a imposição da gravidade. Lançam-se ao ar com graça sobrenatural, deslizam e equilibram-se por entre as teias do fracasso e do destino. Seus movimentos, mais do que simples acrobacias, formam uma dança entre o céu e a terra que evoca o passado e sustenta o presente. Tranças, traços, mantos, solidéus e fitas expõem seus sofrimentos. Fortes e decididos, impõem-se ante a violência, mas se deixam levar por comandos invisíveis. Revivem e recriam tradições enquanto traçam arcos no firmamento.

A adaptação foi, é e sempre será a essência do sucesso – seja no palco-reino real, seja no palco-plano mistificado. Os circenses são alquimistas que transformam desafios, perseguições, mortes e ódios em oportunidades e realizações. Sempre em busca de distintos horizontes; sempre à espera de uma nova era ou de um imprevisível recomeço.

A lona do circo se torna sagrada, lugar onde a magia acontece não apenas nos truques e acrobacias, mas na habilidade dos artistas de se metamorfosearem e moldarem às curvas imprevisíveis e absurdas do destino.

O clown, apesar de sua melancolia, é o guardião do riso que transforma a dor em gargalhada e as lágrimas em esperança. O mímico, com toda a destreza, satiriza os gestos de seus perpetradores, imitando e reproduzindo ironicamente fragilidades e preconceitos. É ovacionado assim como o equilibrista, que mesmo eternamente desequilibrado e apunhalado por déspotas, loucos e bárbaros, segue flanando pelos fios da História. Surgem então o ilusionista e o hipnólogo, convencendo o público que as falhas, faltas e crenças são disfarces das suas angústias e do sofrimento. Sofrimento quase invisível do contorcionista, que cria gestos, contorna dilemas e concebe artes e artifícios.

Assim, sob a abóbada desse circo de tradições, os circenses de todos os povos, origens e diásporas precisam dançar sobre a corda bamba da existência, cativar e ludibriar plateias agressivas, desmistificar ídolos, mitos e fantasmas para sobreviver e alçar-se aos céus e sonhos.

Isaac, Moishe Yossef e Tzipora

A arte do ventríloquo é ilusória e divina. No palco, o ventríloquo se transforma no mestre das palavras recalcadas, no deus que dá voz e vida às criaturas inanimadas. No único artista a ver sua obra corporificada. Suas mãos hábeis dançam com as marionetes; sua voz encanta, alucina e assusta. Assim como na literatura, há um pacto entre a interpretação do ventríloquo-autor e a performance do público-leitor. Ambos se enganam, ambos se abraçam, ambos se amam.

O ventríloquo é o senhor do espetáculo, é quem contesta a concepção de autoria. Ele questiona se somos realmente os arquitetos de nossas palavras ou apenas manipulados-manobrados pelo destino. Finda a apresentação, o ventríloquo caminha incógnito no meio da multidão, que segue sonhando com o boneco falante e dançante.

Judeus, um povo circense? Soa estranho, não? Mas não é verdade que os povos diaspóricos tiveram que engendrar diversos malabarismos com o destino, equilibrismos com as perseguições e piruetas com os acasos para sobreviver? Neste livro, apenas um corte. Um olhar para o nosso *shtetl* histórico e literário, onde os artistas-protagonistas são membros do povo do livro e agora também do circo. Desse circo místico que se equilibra pelos fios invisíveis e instáveis do tempo.

Claro, a gente tenta não quebrar os pescoços – e também não ter os pescoços quebrados –, o que nunca foi um truque fácil. Pelo contrário. Perseguições no passado, insegurança no presente, incertezas e medos com o futuro. Os muitos povos dos circos; o nosso povo do circo sempre na corda bamba. Sempre com a corda bamba.

Você, leitor-plateia, pode questionar a razão de tantas dificuldades, certo? De tantos tombos, tramas, percalços e golpes? A resposta é simples: não sei. Será que alguém, algum um dia, em algum lugar, saberá os mistérios e os desígnios desse imenso circo de variedades e absurdos que se apresenta diariamente no palco do mundo?

Mas não é legítimo que todos os povos busquem pelo equilíbrio da alma, pela estabilidade do corpo, pela harmonia dos sonhos? Que dancem com as tradições, se contorçam com as mudanças e inventem malabarismos, arte e vida para ludibriar a intolerância? Pois bem, aqui compartilho alguns casos e acasos. Rascunhos, fragmentos e raízes do que vi, ouvi e vivi na minha família e nas minhas invenções. Que me ensinaram a caminhar por esses fios escorregadios e vacilantes do mistério.

Uma das histórias que conheço de equilibristas começa na vila de Belz, na Polônia, com o Isaac, o primeiro religioso da minha família, parente próximo do rabino da cidade. Ele era descendente direto de Baal Shem Tov, fundador do *chassidismo* – aquele que revelou, que se conectou e transmitiu os ensinamentos éticos e místicos. Que falou em seu Nome; que foi um dos ventríloquos do povo judeu.

Belz era a cidade onde o vento soprava frio, os pássaros voavam baixo, os violinistas subiam nos telhados e os *chassídicos* cantavam e encantavam os céus. Onde o dia de *shabat* sempre era mágico: as

peças se conectando com o passado, as almas fluando, os olhos brilhando com a presença intensa de Baal Shem Tov. E era justamente por conta das tradições – como comer, como dormir e até mesmo como se vestir –, que havia o equilíbrio necessário para que cada um dos habitantes e violinistas não despencassem dos telhados.

Issac teve filhos e netos. Apenas alguns nomes restaram, apesar de suas vivências terem permanecido eternizadas. Porém, uma história – a de seu neto Moishe Yossef – sobreviveu. Uma, dentre tantas, que comprova a passagem de alguém pelo mundo. A narrativa do nosso Moishe me orgulha. Por isso, aproprio-me para recontar e reviver.

Moishe Yossef sempre fez questão de honrar os antepassados *chassídicos*. Praticava diariamente a arte de cantar, rezar e dançar. Também cumpria a *mitzvá*, a boa-ação de ajudar o próximo. Seu ofício prático era o dos moinhos, arte antiga que ia lentamente se modernizando; alimento para o corpo e sustento para alma da sua comunidade. Já o seu ofício sagrado era outro: o de perpetuar o pacto com Deus, assegurando o caminho e o caminhar pela tradição.

Seu trabalho o preencheu e enriqueceu. Vivia em Sokal, perto de Belz, na Galícia, onde havia cerca de quase seis mil judeus dentre uma população de doze mil. Nessa época, a região pertencia ao Império Austro-Húngaro e a relação entre judeus e não judeus era tensa. Sempre viviam numa corda bamba, com medo de serem empurrados, traídos, destratados. Mas Moishe Yossef não se importava. Acordava cedo para as prédicas e em seguida usava as pedras de moagem para esmagar os grãos. Corpo forte e presente na terra, mente focada nos preceitos dos céus. Seu pai lhe ensinou – e isso ensino aos meus filhos – que não há tarefa impossível quando se tem vontade.

E vontade nunca nos faltou.

O comércio permitia a Moishe Yossef interagir com os poloneses, tentando fazer parte da sua cultura e sociedade. O ilusionismo do pertencimento. A vida sempre por um triz. A prática do comércio também possibilitava que as fofocas da comunidade circulassem. Moishe Yossef ficava sabendo de todos os nascimentos, *Baruch Hashem*, nas redondezas, e fazia questão de cumprir o seu dever e os ensinamentos de Baal Shem Tov: assegurar que o pacto com Deus fosse mantido.

Com sorriso nos olhos, com a alma revigorada e reconectada com *Hashem*, Moishe Yossef acordava cedo, e nesse dia especialmente santo não ia trabalhar nos moinhos. Algo mais sagrado o aguardava. Ele viajava a qualquer parte, mesmo em feriados e sem receber nada, para realizar o *brit-milá*. A vida terrena pulsando e prosperando; a alma sagrada se fundindo com Deus.

Se o mover constante dos moinhos de pedra exigia força e coragem, o *brit-milá* demandava destreza e delicadeza. Ele era responsável pelo canto dos bebês. Tinha que ter a habilidade de fazê-los chorar apenas o necessário para abrir os céus.

Além da conexão com o divino, Moishe Yossef era profundamente atento ao compromisso com o corpo. Ele guardava um segredo. Se Deus lhe presenteou com força e sensibilidade, ele tinha a obrigação de retribuir. De compartilhar a sua prosperidade. Entre os amigos próximos, era chamado de Moishe, o Ilusionista, já que ia às residências realizar o *brit-milá* e, ao sair, além de ter feito desaparecer o prepúcio do bebê (por onde andarão todos os prepúcios do povo circense?), fazia com que moedas de prata brotassem das fraldas. Às vezes, alguém achava que Moishe Yossef havia perdido essas moedas. Que não era mágica, mas esquecimento. Então iam à sua casa devolver o tesouro,